

Renascimento: Uma nova concepção de mundo através de um novo olhar para a natureza

Renaissance: A new conception of the world through a new look at nature

por Rosemary de Sampaio Godinho

Resumo: A Europa foi revitalizada, nos últimos séculos da idade média, pelo reaquecimento do comércio, pelas cruzadas e pela agitação da vida urbana. A transição do feudalismo para o capitalismo, juntamente com os sistemas de conhecimento associados à sua emergência, foram paulatinamente, modificando valores, ideias, necessidades artísticas e culturais da sociedade europeia, tornando aguda a separação entre sociedade e natureza. Mais confiante em suas próprias forças o homem moderno deixou de olhar tanto para o alto, em busca de Deus, passando a prestar mais atenção em si mesmo. Esse fato deu início a um processo desencadeado na Itália entre os séculos XIV e XVI, denominado Renascimento. Esse novo posicionamento do homem diante de si mesmo e do mundo, associado a retomada das ideias clássicas greco-romanas, ao choque com o mundo medieval e com os dogmas da Igreja Católica, levam a transformações nas criações artísticas, literárias e científicas. O renascimento proporciona o desenvolvimento do racionalismo, a explicação do mundo através de verdades estabelecidas pela razão, e permite que seja desenvolvido a observação experimental para descobrir as leis que regem a natureza. O objetivo do presente texto é demonstrar como essa nova forma de enxergar a natureza influenciou na vida social e científica desse período, iniciando o rompimento de um paradigma científico para o estabelecimento de outro, através da teoria heliocêntrica de Copérnico. No renascimento cultural o naturalismo veio à tona nas concepções artísticas, aprofundando os estudos matemáticos e a técnica da perspectiva que dá profundidade aos desenhos, deixando-os mais próximos da realidade.

Palavras-chave: Renascimento; Natureza; Transformação; Humanismo; Racionalismo; Ciência

Abstract: Europe has been revitalized in the last centuries of the Middle Ages, by trade reheating, the Crusades and the bustle of the city life. The transition from feudalism to capitalism, brings together with the knowledge systems associated with its emergence, have been gradually changing values, ideas, artistic and cultural needs of European society, making evident the separation between society and nature. More confident in their own forces modern man has ceased to look at the top, searching God, begining to pay more attention to himself. This fact initiated a process started in Italy between the fourteenth and sixteenth centuries, called the Renaissance. This new positioning of the man in front of himself and the world, coupled with the resumption of classical Greco-Roman ideas, the clash with the medieval world and to the dogma of the Catholic Church, lead to changes in artistic creations, literary and scientific. The Renaissance provides the development of rationalism, the explanation of the world through the truths established by reason, is developed and allows experimental observation to discover the laws that govern nature. The purpose of this paper is to demonstrate how this new way of viewing nature influenced the social and scientific life of this period, initiating the breakup of a scientific paradigm for the establishment of another, through the heliocentric theory of Copernicus. In the cultural renaissance naturalism came to light in artistic concepts, deepening the mathematical studies and technical perspective that adds depth to the designs, making them closer to reality.

Keywords: Renaissance; Nature; Conversion; Humanism; Rationalism; Science.

Introdução

O desenvolvimento do Renascimento ocorreu no período que vai do século XIV ao XVI, na Itália, mais precisamente em cidades, ligadas ao comércio, como: Veneza, Pisa, Gênova e Florença. Tais cidades receberam uma forte influência dos sábios bizantinos, que haviam fugido de Bizâncio, por causa dos conflitos religiosos. Além dessa influência, havia os árabes que mantinham contatos comerciais com os italianos.

A transição do feudalismo para o capitalismo teve início no período denominado Baixa Idade Média, e impulsionou a chamada Revolução Comercial ocorrida na Idade Moderna. Essa mudança, que também foi influenciada pela reforma religiosa e pelo absolutismo político, acabou por modificar os valores, as ideias, as necessidades artísticas, culturais e científicas da sociedade europeia. A organização do sistema bancário, as grandes navegações e descobrimentos, o desenvolvimento das cidades, a perda por parte da Igreja do monopólio de explicação dos fenômenos naturais e humanos, o declínio do poder dos senhores feudais e da Igreja, tornou o homem moderno mais crente em si mesmo, deixando

de almejar tanto Deus e passando a prestar mais atenção aos semelhantes e ao ambiente que o rodeava. Liberto da onipresença divina o homem se tornou livre para ser e construir o que quisesse. [Recco, Catarin e Bandouk](#) (2000) observam que devido a preocupação maior dos renascentistas ser a vida humana, prevalecia neste período uma corrente filosófica denominada Humanismo, que descartava a escolástica medieval, até então predominante, e propunha o retorno às virtudes da antiguidade. Platão, Aristóteles, Virgílio e outros autores greco-romanos começam a ser traduzidos e difundidos.

A [sociedade renascentista](#) apresentava novas relações sociais em seu cotidiano, um novo comportamento no trabalho, na diversão, no tipo de moradia, nos encontros nas ruas. Essa mudança demonstra que o Renascimento representou uma nova concepção de vida e não apenas um movimento de alguns artistas, embora tenha sido exaltado e difundido nas obras de arte. Tal concepção de vida, não era totalmente nova, apesar de revolucionária, uma vez que se caracterizou por um renovado interesse pelo passado grego-romano clássico. Fundamentado no conceito de que o homem é a medida de todas as coisas, o renascimento significou um retorno às formas e proporções da antiguidade greco-romana. É devido a este "renascer" da cultura clássica que se dá o nome de Renascimento ([Dias](#), 2010).

O homem renascentista, apesar de valorizar as qualidades humanas não se tornou descrente a Deus, apenas mudou a forma de pensar sobre as suas criações e sobre o mundo, que ao contrário da era medieval, passa a ser um lugar de alegrias, realizações e descobertas. Há pela primeira vez na era cristã, uma confiança na capacidade do homem, que se crê ilimitada, abrindo assim uma porta para os estudos e novos conhecimentos. Uma das características do [Renascimento](#) foi o desenvolvimento do [racionalismo](#), que possui a convicção de que tudo pode ser explicado pela razão do homem e pela ciência, a recusa em acreditar em qualquer coisa que não tenha sido comprovada. Dessa maneira o empirismo e a ciência conheceram grande desenvolvimento ([Recco, Catarin e Bandouk](#), 2000).

O objetivo do presente trabalho é demonstrar como essa nova forma de enxergar a natureza influenciou na vida social e científica desse período, iniciando o rompimento de um paradigma científico para o estabelecimento de outro, através da [teoria heliocêntrica de Copérnico](#). No renascimento cultural o naturalismo veio à tona nas concepções artísticas, aprofundando os estudos matemáticos e a técnica da perspectiva que dá profundidade aos desenhos, deixando-os mais próximos da realidade.

Os Humanistas

Segundo [Godoy](#) (2000), os Humanistas tinham sólida formação cultural clássica, conheciam latim e grego. Eram racionalistas, pregavam a libertação do homem, não temiam enfrentar os problemas que agitam a existência. O humanista [Rabelais](#) (1494-1553), na sua obra [Carta de Gargântua](#) a seu filho Pantagruel, reflete os novos ideais pedagógicos do renascimento. Gargântua apresenta um plano de educação para o seu filho, baseado em um conhecimento enciclopédico que incluía o estudo dos clássicos e o contato com a natureza que lhe possibilitaria o conhecimento do homem.

No renascimento, o pensamento medieval excessivamente teocêntrico, cede lugar a uma cultura voltada para os valores do indivíduo - o antropocentrismo, ou seja, o homem no centro do universo.

O pensamento medieval postulado e propagado pela Igreja Católica pregava a submissão do homem à vontade de Deus e a seus intérpretes e representantes na terra, o clero; uma vida contemplativa, sem instintos e inimiga do prazer mundano. De acordo com essa concepção o principal caminho para o acesso ao conhecimento eram as revelações divinas. Já os artistas renascentistas tinham como fonte de inspiração a cultura da Antiguidade Clássica greco-latina, buscavam as dimensões ideais da figura humana e a representação fiel da realidade, não se contentando mais em apenas observar a natureza, mas transformando-se em estudiosos e procurando imitá-la com precisão, ressaltando o valor do homem, da crença em suas possibilidades e capacidades. Nesse panorama, a individualidade do artista passa a ser valorizada, em oposição ao caráter coletivo das obras medievais.

As diferenças entre o homem medieval e o homem renascentista contrastam bem em duas figuras humanas – São Francisco de Assis e Leonardo da Vinci, como destaca [Carvalho](#) (2008). Ambos se aproximam e se distanciam, a um só tempo, pelo mesmo amor – o dos pássaros. Enquanto São Francisco amava-os misticamente, Leonardo observava-lhes o vôo e estudava a possibilidade de construir a máquina que permitisse ao homem de voar. [Nunes](#) (1978) destaca que a Renascença foi uma tentativa original e eclética de harmonização do Neoplatonismo pagão com a religião cristã, do

“eros” com a “charitas”, junto com influências orientais, judaicas e árabes, e onde o estudo da magia, da astrologia e do oculto não estavam ausentes.

Renascimento científico e a nova concepção de mundo

Thomas Kuhn publicou em 1962 uma obra, que se tornou clássica, onde lançou o termo paradigma como referência a diferentes tradições disciplinares. Na segunda edição de seu livro, Kuhn considera dois sentidos em que o termo paradigma é por ele utilizado. Um refere-se ao conjunto de crenças, valores, técnicas e outros elementos compartilhados por membros de uma dada comunidade. Um outro, a um elemento desse conjunto, as soluções concretas para que o autor chama de “*quebra-cabeças*” da ciência normal. (Kuhn, 1970). De acordo com essa visão Kuhniana, pode-se considerar que a ciência em sentido amplo, é construída por paradigmas no primeiro sentido elaborado por Kuhn. Os conjuntos evoluem até atingirem um ápice que os precipitará em crises, mudanças e conseqüentemente a elaboração de novos paradigmas. É exatamente esse movimento que é observado no renascimento: o precipício de um paradigma, onde Deus era o centro do Universo, que gerou crises, mudanças e a emergência de um novo paradigma que colocou o homem no centro do mundo.

Durante a Idade Média, predominou a concepção de natureza demonstrada pelo pensamento clássico, conforme ressalta Capra (1987, p. 49): “*Na filosofia, Tomás de Aquino (século XIII) combinou o sistema da natureza de Aristóteles com a teologia e a ética cristãs, em uma estrutura conceitual que se tornou a regra*”. O Renascimento modificou as idéias e as expectativas do homem em relação à vida, como exemplo: a revalorização do empirismo e do racionalismo e a contestação religiosa responsável pela eclosão do Protestantismo a partir das idéias de Lutero; a partir daí, o poder da Igreja Católica de Roma deixa de ser incontestável, sobretudo em domínios filosóficos. (Souza, 2004) De acordo com Henry (1998) o empirismo levou a necessidade de se construir instrumentos capazes de realizar os experimentos, por isso várias invenções surgiram nesse período, como o telescópio, o microscópio, o barômetro, o termômetro e várias máquinas elétricas. O controle do homem sobre a natureza era o ideal conscientemente proclamado dos primeiros cientistas modernos (Thomas, 1988)

A grande revolução do pensamento, que possibilitou o surgimento da visão renascentista da natureza, foi o rompimento da visão geocêntrica do cosmos, construída desde a Antiguidade Clássica por Ptolomeu e pela Bíblia, que havia sido dogma por mais de mil anos. Tal concepção considerava o cosmos como um todo ordenado e perfeito, instituído e regido pelas forças divinas. Era uma totalidade fechada e estática. Este cosmo estático não possuía criatividade interna, era considerado, de acordo com Albuquerque Jr (2005), uma criatura divina, e todo o seu movimento era comandado por seres externos – os anjos ou os enviados do criador.

Nicolau Copérnico (1473-1543) rompeu com esta concepção de natureza ao propor um novo modelo, no qual a Terra estaria em movimento e o Sol ocuparia o centro da esfera celeste, com isso Copérnico instaurou a separação entre a natureza e a divindade, nascendo a visão moderna, com a percepção de sua autonomia em relação a Deus. Henry (1998) destaca que a hipótese da Terra estar em movimento causou maior impacto do que ela não ser o centro do Universo, isto porque tal hipótese era contrária à física aristotélica, as sagradas escrituras e ao senso comum, entretanto ela devia ser verdadeira, por ser demonstrada pela matemática. A aceitação das teses de Copérnico ocorreu em uma fase de grandes mudanças sócio-culturais no mundo ocidental. A autoridade quase que absoluta da Igreja estava sendo contestada por Martinho Lutero e outros religiosos chamados de reformadores. Nesta nova concepção a natureza passa a ter suas próprias leis e a ser regida por elas, independente da vontade divina ou mesmo da vontade dos homens. É vista como um mecanismo ou um sistema autônomo, apesar de ainda ser concebida como criação divina. Com este novo conceito ela deixa de ser um mistério do criador e passa a ser objeto do conhecimento humano, onde o próprio homem está inserido. Após o lançamento da hipótese heliocêntrica, a Terra deixou de ser o centro do universo, resgatando-se descobertas gregas. Johannes Kepler formulou leis empíricas do movimento planetário que corroboraram o sistema de Copérnico (Capra, 1987). Giordano Bruno (1548-1600) também aceitou a hipótese heliocêntrica, contra as determinações da Igreja, tendo sido queimado vivo pela Inquisição (Santouris, 1991).

Como esta nova hipótese significava uma mudança de paradigma e sofria forte resistência da Igreja Católica, teve de esperar ainda quase um século antes de ser aceita como o melhor modelo para descrever o movimento dos planetas. Foi no período do Renascimento que se desenvolveu o

fundamento do que se convencionou chamar de “*redução naturalista*”, isto é, a “*exigência de encontrar em todas as coisas e em cada uma delas o princípio explicativo natural, excluindo todos os outros.*” ([Reale e Antisteri](#), 1990, p. 151). Para Galileu, Deus era geômetra, como em Platão. A natureza estaria escrita na linguagem matemática. Assim, a tarefa mais importante na época do renascimento da ciência era “descobrir as leis matemáticas pelas quais Deus criara o mundo” ([Sahtouris](#), 1991, p. 209) Como destaca [Prigogine](#) (1996), compreender a natureza foi um dos grandes projetos do pensamento ocidental. Entretanto não se deve confundir com a idéia de controlar a natureza.

O homem renascentista ao romper as amarras que o ligava aos dogmas da Igreja Católica, passou a perceber que a Terra não é um local de passagem e sim o único mundo real existente. Assim, além de encarar esse mundo como um local prazeroso, houve também a necessidade de conhecê-lo, através da natureza e dos fenômenos naturais. Tal necessidade não tinha como objetivo apenas saciar a curiosidade humana, ultrapassava essa barreira e chegava ao âmbito instintivo da preservação. Começava então, a perceber a necessidade de compreender o mundo que o cercava e aonde estava inserido, para poder se preservar como espécie e como indivíduo dentro dele.

As ideias renascentistas tiveram uma grande contribuição, que lhes permitiu uma propagação mais rápida pela Europa. Os livros, até então eram produzidos por copistas, manualmente, o que acarretava em uma grande demora para a conclusão da obra. O uso do papel, em substituição ao pergaminho de peles, difundiu-se na Europa, por intermédio da Espanha muçulmana, a partir do século XII, quando também passa a ser produzido na Itália. Em 1450, [Johannes Gutenberg](#) criou a imprensa mecânica, através do uso de tipos móveis de metal. Essas inovações permitiram uma difusão sem precedentes do texto escrito. [Caruso](#) (2010) adverte que a invenção da imprensa teve o importante papel, na história da ciência e das religiões, de disseminar o conhecimento, e com isso contribuiu primorosamente para a transição do pensamento medieval para o moderno.

Renascimento Cultural

Nas artes, o ideal humanista e a preocupação com o rigor científico podem ser encontrados nas mais diferentes manifestações. Trabalhando ora o espaço, na arquitetura, ora as linhas e cores, na pintura, ou ainda os volumes, na escultura, os artistas do renascimento deram aos seus trabalhos equilíbrio e elegância, procurando, juntamente com os temas religiosos, explorar a mitologia e as cenas do cotidiano. De acordo com [Schmidt](#) (2008), os artistas renascentistas acreditavam que tudo o que era bonito tinha formas geométricas precisas e equilibradas. Por isso, a arte renascentista era proporcional e baseada em figuras matemáticas, como a esfera, o cubo, o triângulo e a pirâmide. A perfeição geométrica e a beleza artística andavam juntas e atuavam em perfeita harmonia.

A literatura renascentista mostra-se bastante liberal no que tange as imposições morais, almejando alcançar uma moral naturalista. O antropocentrismo é fortemente percebido, em oposição ao teocentrismo medieval. O homem busca o conhecimento utilizando a natureza como modelo básico, considerando as obras clássicas como modelos a seguir, mas não se restringindo a uma simples imitação, e sim dando-lhe um aspecto criativo e inovador. A influência greco-romana está presente em várias obras desse período como: ‘*os Lusíadas*’, de Luís de Camões; a poesia pastoral de Angelo Poliziano; os escritos eróticos de Pietro Aretino; e a lírica do espanhol Jorge Manrique. O interesse pela cultura, se torna cada vez mais evidente, no ‘*Elogio da Loucura*’, do holandês Erasmo de Rotterdam; em ‘*O príncipe*’, de Nicolau Maquiavel, pragmático manual da arte de governar; ou nos romances satíricos de François Rabelais, ‘*Gargantua e Pantagruel*’. [Pontes](#) (2010) destaca que a arquitetura renascentista é descendente natural da arte da Antiguidade Clássica, da Grécia e de Roma, da qual herdou os princípios fundamentais de harmonia e equilíbrio. Criaram assim, uma arquitetura monumental, de grandes construções e ligada aos princípios do Humanismo.

Uma das principais características da arquitetura Renascentista, portanto, foi a busca de uma ordem que superasse o ideal de infinitude das catedrais góticas. A ocupação do espaço baseia-se em relações matemáticas estabelecidas de tal forma que o observador possa compreender a lei que o organiza, de qualquer ponto em que se coloque ([Martins e Imbroisi](#), 2010). Mesmo que o conceito de imitação da natureza não se evidencie de modo claro na arquitetura renascentista, não se pode deixar de observar que ela serviu de inspiração para as obras arquitetônicas. Os arquitetos, neste período, são fortemente influenciados pelo Classicismo e adotavam um estilo individual, o que refletia a sua autonomia, cada

vez maior. A arqueologia deu uma grande contribuição à escultura renascentista, por conta das escavações realizadas em Roma, que trouxeram ao conhecimento de todas as obras primas da estatuária greco-romana. Influenciada por essa descoberta, a escultura renascentista recuperou a grandeza da Antiguidade Clássica. Entre os escultores desse período destacaram-se Donatello (1386-1466), Lorenzo Ghiberti (1378-1455), Bernardo Rossellino (1386-1466), Andrea Del Verrochio (1435-1488) e Michelangelo Buonarroti (1475-1563).

Os escultores nas suas obras, que eram na maioria representações de uma figura humana nua, procuravam exprimir as paixões e os sentimentos característicos do Homem, baseando-se na Bíblia, na mitologia e na natureza. Eram grandes estudiosos da perspectiva e baseavam seus estudos em rigorosos desenhos prévios que possibilitaram às esculturas adquirir a proporção e o realismo característicos do renascimento. Foi também no renascimento que os escultores passaram a dominar com perícia os materiais utilizados: mármore, pedra, bronze, madeira ou terracota. Donatello foi um grande escultor, que introduziu o humanismo, precedendo o naturalismo e a glorificação do nu. Entretanto, a escultura renascentista chegou ao seu apogeu com as obras de Michelangelo, que utilizou enormes blocos de mármore e deixou obras de grande porte e beleza, influenciadas pelos ideais estéticos helenísticos. Na sua obra se observa claramente a transição do classicismo puro, expresso em seu *‘Davi’* e em *‘Pietà’*, para o Maneirismo, observado em obras como os *‘Escravos’* e *‘Moisés’*.

O afastamento que se observa atualmente entre áreas científicas e religião é uma das características da ciência da modernidade, contudo no renascimento ainda não existia a modernidade como a conhecida a partir do século XVIII. O Renascimento é a gênese do pensamento moderno, onde a ciência e religião ainda possuem forte enlace. Observando as obras renascentistas, principalmente no campo das artes, pode-se constatar que a estruturação do pensamento dessa época não se realizou exclusivamente pelo campo da ciência, tampouco pelo campo da religião, e sim por ambos. Entre as inúmeras sínteses e fusões que o renascimento instaura, talvez as mais significativas estejam encarnadas na figura do artista, que através de suas criações, demonstra primorosamente o sentimento de novidade despertado pelo humanismo.

Os estudos da perspectiva utilizando-se os princípios da matemática e da geometria nas artes em geral, e na pintura especificamente, são resultado da interpretação científica do mundo que predominava no renascimento; isso pode ser observado na *‘Ceia’* de Leonardo Da Vinci e na *‘Transfiguração’* de Rafael, pelo realismo visual e pelo reaparecimento da representação do espaço e do volume, através da perspectiva científica e o claro-escuro, ignorados desde a antiguidade, como destaca [Carvalho](#) (2008). O recurso claro-escuro, consiste em pintar algumas áreas iluminadas e outras na sombra. Esse jogo de contrastes reforça a sugestão de volume nos corpos. A combinação da perspectiva e do claro-escuro contribuiu para o maior realismo das pinturas.

Uma obra bastante emblemática desse período é o *‘Nascimento de Vênus’* de Sandro Botticelli. Esta composição sem dúvida é uma representação pictórica de alguns pensamentos renascentistas. A cena retrata Vênus que nasce de uma concha, tendo do lado esquerdo os ventos – Zéfiros, representados por dois amantes e a sua direita, a casta Hora, trazendo um manto florido para cobrir sua nudez. Essas personagens que acompanham Vênus parecem representar o pensamento dominante do período. Os amantes Zéfiros simbolizam a paixão, sentimento humano instintivo, que representava a nova forma de pensar, enquanto Hora, representa a castidade, que a conduzirá ao mundo espiritual, divino, transcendental, representado ainda a influência do pensamento medieval. Vênus representaria essa união de opostos e simboliza as contradições presentes no pensamento renascentista.

Como esclarece com maestria [Lenoble](#) (1990), vários pintores italianos como Leonardo Da Vinci, Rafael e Michelangelo mostram na maioria de suas obras temas religiosos. Entretanto colocam a expressão nos rostos, que possuem aparência humana e sugerem aos corpos uma graça carnal que nada reflete da graça divina. A luz não vem do alto, mas das invenções humanas, do jogo das sombras, da profundidade produzida pela perspectiva que surge nessa época, dos sorrisos emocionados pela beleza das coisas e não arrebatados pelo êxtase. No campo musical, os compositores renascentistas passaram a ter um interesse muito mais vivo pela música profana (música não religiosa), e em escrever peças exclusivamente para instrumentos, já não usados somente para acompanhar vozes. No entanto, os maiores tesouros musicais renascentistas foram compostos para a igreja, em um estilo descrito como polifonia coral ou policoral e cantados sem acompanhamento de instrumentos. A música renascentista

é de estilo polifônico, ou seja, possui várias melodias tocadas ou cantadas ao mesmo tempo (Souza, 2010). Ortolan (2010) chama a atenção para a rica profusão de novos instrumentos na Europa renascentista, com o intuito de extrair um som homogêneo da música. Assim apareceram a flauta doce, a viola da gamba, o cromorne, etc.

A renascença possibilitava a emancipação da arte em relação aos dogmas católicos. Assim, o teatro se revolucionou, com obras históricas, cujos autores foram buscar nos clássicos gregos e romanos suas inspirações. É o caso do italiano Nicolau Maquiavel (1469-1527), autor da peça teatral *‘A Mandrágora’*. Maquiavel buscava a todo custo explicar as contradições de sua sociedade, não utilizando um apelo transcendental - de deuses e dogmas misteriosos -, mas sim com explicações científicas reais (Alves, 2009). No século XVI, chegou ao apogeu, na Itália, a “Commedia dell'Arte”, assim chamada porque nela, o talento e a capacidade de improvisação dos artistas sobrepujavam o texto literário. A *“Commedia dell'Arte”* tinha personagens fixos, tais como Arlequim, Scaramuccia, Brighela, Pantalone, etc., os quais desenvolviam sua representação de acordo com as características de tais tipos.

Os cenários, de acordo com Magalhães Jr (1980), são muito simples - um telão pintado com a perspectiva de uma rua. Na *“commedia”*, surgem atrizes representando mulheres. Mais tarde, comediógrafos como Molière, Marivaux, Gozzi e Goldoni vão inspirar-se em seus tipos. Alencar (2006) ressalta que Molière é considerado o primeiro diretor teatral, da forma como é concebida atualmente: ensaiando longamente os espetáculos, atento aos menores detalhes. Para explorar os melhores talentos de sua trupe, adaptava os papéis aos atores. Outro importante autor desse período foi William Shakespeare, autor de cerca de 35 peças entre dramas históricos, tragédias e comédias, que até hoje são representados com sucesso, tanto na Inglaterra como no resto do mundo (Alves, 2009)

Considerações Finais

Renascimento significa um grande movimento de mudanças sociais, culturais e científicas, que atingiu as camadas urbanas da Europa Ocidental entre os séculos XIV e XVI, no período de transição envolvendo as estruturas feudo capitalistas, caracterizado pela retomada dos valores da cultura clássica greco-latina. A ruptura com o pensamento medieval é verificada através da nova forma de ver o mundo, que resgatou a perfeição da antiguidade clássica, sem contudo copiá-la, apenas servindo de inspiração para a profusão criativa do período. Entre os valores da cultura clássica greco-latina estão: o antropocentrismo, - o homem é a medida de todas as coisas; o racionalismo, - convicção de que tudo pode ser explicado pela razão do homem e pela ciência; o empirismo, - recusa em acreditar em qualquer coisa que não tenha sido comprovada; o individualismo, - a idéia de que cada um é responsável pela condução de sua vida; o naturalismo, - a importância do estudo da natureza aguçando o espírito de observação do homem; o hedonismo, - a idéia de que o homem pode produzir o belo, pode criar uma obra apenas pelo prazer que isso possa lhe proporcionar e o Universalismo, - o homem deve desenvolver todas as áreas do saber. O principal modelo de *“homem moderno”*, sem dúvida, é Leonardo Da Vinci, matemático, físico, pintor, escultor e estudioso da biologia.

Com todas as mudanças sociais, econômicas e culturais, a ciência deixou de se preocupar com o *“por que”*, que era o centro do pensamento medieval e passou a se interessar pelo *“como”*. Copérnico, Kepler, Da Vinci, Galileu, entre outros pregavam e praticavam o empirismo. Desta maneira comprovaram a existência de *“leis”* inerentes aos fenômenos naturais, o que representou sobretudo a libertação do pensamento através do exercício da crítica e do livre exame de todas as questões. A teoria heliocêntrica de Copérnico representou uma revolução extraordinária no conhecimento humano, iniciando a ruptura do paradigma geocêntrico medieval. A partir dessa base geral, todos os campos científicos, assim como as ciências humanas tiveram grandes avanços.

A arte da Renascença surgiu em uma nova sociedade, que se desenvolvia com rapidez. Ela marcou a passagem do mundo medieval para o moderno e, assim estabeleceu o alicerce da sociedade ocidental atual. Apesar de ter revolucionado a forma de se ver o mundo, a natureza e o homem, as obras renascentistas ainda estão impregnadas do universo religioso, reinante na época medieval. Tal afirmação é facilmente comprovada nas obras de Michelangelo, na pintura de Da Vinci e outros. Entretanto é também a partir dessa época que começa a existir o artista como um criador individual e autônomo, que expressa em suas obras os seus sentimentos e suas ideias, sem submissão a nenhum poder que não a sua própria capacidade de criação.

Contudo pode-se observar em várias obras, como o ‘Nascimento de Vênus’ de Botticelli, a contradição que reinava nesse período entre o sentimento humano instintivo e o divino, transcendental.

Dessa maneira não é exagero afirmar que se a Idade Média, considerada Idade das Trevas, por suas barbáries e obscuridades representou o inverno de nossa história, o renascimento foi a primavera, com a profusão criativa representando o desabrochar das flores primaveris.

Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE Jr, D. M. de. Bicho Solto: natureza, espaços e história na transição da modernidade para a pós-modernidade. CCHLA/UFRN. 2005. Disponível em:
http://www.cchla.ufm.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda_remissa/bicho_solto.pdf Acesso em 07 janeiro 2011.
- ALENCAR, V. P. de. A comédia como a conhecemos hoje. 2006. Disponível em:
<http://educacao.uol.com.br/artes/ult1684u14.jhtm> Acesso em 15 janeiro 2011.
- ALVES, M. Teatro Renascentista. 2009. Disponível em: <http://marcosalves.arteblog.com.br/39838/Teatro-Renascentista/>
Acesso em: 07 janeiro 2011.
- CAPRA, F. O ponto de mutação; a ciência, a sociedade e a cultura emergente. 2º Ed. São Paulo: Cultrix, 1987.
- CARVALHO, T. L. de. Pintura Renascentista. Blogspot. 2008. Disponível em: <http://taislc.blogspot.com/2008/09/pintura-renascentista.html> Acesso em: 06 janeiro 2011.
- CARUSO, F. Arte, Física e Geometria no Renascimento. Ciência e Sociedade. Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas. CBPF-CS-004/10: 1-11. 2010.
- DIAS, S. I. S. História da arquitetura e urbanismo: da antiguidade ao renascimento. Curso de Arquitetura e Urbanismo Faculdade Assis Gurgacz. 1-70p. 2010 Disponível em: http://www.fag.edu.br/professores/solange/HISTORIA_DA_ANTIQUIDADE_AO_RENASCIMENTO/AQT103_HAR_2010.1.pdf Acesso em 06 janeiro 2010.
- GODOY, A. S. de M. O Desencanto com o Direito na Literatura do Humanismo. Revista Cultural Fonte. Vol.3, nº 1. 2000. Disponível em: <http://www.unopar.br/portugues/revfonte/v3/art10/art10.html> Acesso em: 08 dezembro 2010.
- HENRY, J. A Revolução Científica e as Origens da Ciência Moderna. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.
- KUHN, T. S. The structure of scientific revolutions. 2ª ed. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1970.
- LENOBLE, R. Historia da Ideia de Natureza. Lisboa: Edições 70. 1990.
- MAGALHÃES Jr, R. Biblioteca Educação é Cultura Teatro/1. Vol. 6. Rio de Janeiro: MEC – FENAME – BLOCH. 1980. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/6936529/Teatro-I-vol16> Acesso em: 15 janeiro 2011.
- MARTINS, S. R.; IMBROISI, M. Renascimento. In: Historia da Arte. 2010. Disponível em:
<http://www.historiadaarte.com.br/renascimento.html> Acesso em 06 janeiro 2011.
- NUNES, B. Diretrizes da Filosofia no Renascimento In: FRANCO, AFONSO ARINOS DE MELLO et al. O Renascimento. Rio de Janeiro: Agir, MNBA, 1978. in: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Renascimento> Acesso em: 08 dezembro 2010.
- ORTOLAN, E. T. A Música Renascentista (Séculos XV – XVI). In: História da Música Ocidental. 2010. Disponível em:
<http://www.movimento.com/especial/basica/3.asp> Acesso em 15 janeiro 2011.
- PONTES, C. A Arte Moderna – Arte Renascentista ou do Renascimento (Arquitetura). In: Um olhar sobre o mundo das Artes. 2010. Disponível em: http://umolharsobreomundodasartes.blogspot.com/2010/11/arte-moderna-arte-renascentista-ou-do_15.html Acesso em 06 janeiro 2011.
- PRIGOGINE, I. O fim das certezas: tempo, caos e as leis da natureza. São Paulo: UNESP, 1996.
- REALE, G. & ANTISERI, D. História da Filosofia – Do Humanismo a Kant. Vol. II. São Paulo: Paulus. 1990.
- RECCO, C. B.; CATARIN, C. R.; BANDOUC, G. L. Renascimento Cultural. Historia net. 2000. Disponível em:
<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=191> Acesso em: 08 dezembro 2010.
- SAHTOURIS, E. Gaia: do caos ao cosmos. São Paulo: Interação, 1991.

SCHIMIDT, M. F. Renascimento – Parte II. 2008. Disponível em: <http://pt.shvoong.com/books/mythology-ancient-literature/1831013-renascimento--parte-ii/> Acesso em 06 janeiro 2011.

SOUZA, L. Educação Musical na Renascença. 2010. Disponível em: <http://distribuicaomusical.blogspot.com/> Acesso em: 07 janeiro 2011.

SOUZA, R. M. e. Visões da Natureza X Vertentes Ideológicas do Ambientalismo: Contribuição ao Debate sobre Sustentabilidade no Brasil. In: II Encontro da ANPPAS, Indaiatuba São Paulo. Brasil. 2004. Disponível em: http://www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT01/rosemeri_souza.pdf Acesso em: 06 janeiro 2011.

THOMAS, K. O Homem e o Mundo Natural. Mudanças de atitude em relação às plantas e aos homens (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Sobre o autor / About the Author:

Rosemary de Sampaio Godinho

rosegodinho@globo.com

Doutoranda do Programa Pós-Graduação em Meio Ambiente da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.